

EDITORIAL

Para que se escreve? Escreve-se para fluir os segredos mais recônditos do coração; para falar sozinho e a multidões ao mesmo tempo; para entesourar ideias; enfim, para de alguma forma fazer girar o mundo... De fato, estadistas já confessaram que temiam mais as penas mordazes de seus críticos do que o troar estrepitoso dos canhões. Por outro lado, não poucos escritores rasgaram suas vidas, deitando sangue em páginas, em prol de seus nobres ideais. Muitos santos, por certo, jamais deixaram um parágrafo em tinta, mas plasmaram inúmeros textos de virtude no Livro da Vida.

Redigir é conviver com Deus. É no silêncio da escrivadinha que Ele comunica, inspira e leva o autor a superar suas próprias aptidões e transmitir a outros o seu próprio espírito. Se escrever é de algum modo participar da criação do Divino Artífice, a boa leitura permite refazer o caminho para o Altíssimo, ao traduzir palavras em hinos de louvor. O *tolle lege* — toma e lê —, que inspirou a conversão do pagão Agostinho num dos maiores santos da História, repercute ainda na alma daqueles que ainda têm alma.

Em sua infinita sabedoria, quis o Padre Eterno enviar-nos o Verbo, a Palavra humanada, e legou aos escritores sagrados a missão de consignar seus ditos e feitos. Ora, se as criaturas são consideradas palavras emanadas da retórica divina, os escritos inspirados são progressivos degraus que conduzem à Pátria Celeste. Enquanto peregrinos neste vale de lágrimas, apenas O vislumbramos por meio desses instrumentos, isto é, “como em espelho e de maneira confusa, mas depois, veremos face a face” (I Cor 13,12). Somente após aquele esperado encontro, poder-se-á contemplar o Sumo Bem, e então a literatura ficará totalmente defasada: “*In lumine tuo videbimus lumen*” (Sl 36,10).

Nesta terra, apenas tateamos a Deus pelas palavras, embora cientes que, conforme Paul Claudel, “um pouco de luz vence muitas trevas”. É sob essa égide que *Lumen Veritatis* comemora hoje dez anos de publicação, almejando ser ao menos uma lâmpada em meio à escuridão de tantas inverdades. Mais de 350 artigos, editoriais, notas, traduções ou resenhas, ao longo de mais de 5 mil páginas foram publicados nessas 41 edições. Os assuntos foram os mais variados possíveis: lógica, metafísica, sociologia, direito canônico, teologia da história e dogmática, demonologia, psicologia, estética, homilética...

A presente edição pretende seguir, pois, essa luminosa trilha da verdade percorrida ao longo desta década.

O primeiro artigo aborda o milenarismo, contrafação do profetismo e da mística, o qual, partindo de interpretações desbaratadas, desvirtua o real sentido do sobrenatural. Para evitar esse erro, com frequência imbuído de hereesia e sectarismo, nada melhor do que recorrer à sua antinomia, isto é, à doutrina divinamente revelada em Cristo, ao Magistério e à tradição. A proposta do autor se cifra nessa perspectiva.

O seguinte artigo trata de um tema pouco presente nas páginas da revista, sem deixar, contudo, de seguir suas linhas editoriais. Trata-se da importância do latim para o estudo da língua portuguesa. A relevância do idioma de Cícero supera as barreiras puramente linguísticas. Precisamente por ser uma língua “morta” que ele se torna imortal, pois não se submete às intempéries das revoluções. Por isso mesmo, é grande instrumento para falar com Deus.

O artigo conclusivo serve de justo pleito de homenagem ao fundador desta revista, Mons. João Scognamiglio Clá Dias, na pessoa de seu inspirador, o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira. Na esteira do conúbio “fé e razão”, são concatenadas várias explicitações sobre o bom senso, qualidade sem a qual se resvala para o absurdo. Com efeito, o insigne pensador e escritor brasileiro, falecido em 1995, com muita frequência citava o antigo princípio, certamente aplicável à tese aqui proposta: “De nada serve construir um edifício sobrenatural desprovido de fundamentos naturais”. Nessa direção se encontra uma das mais castiças teses tomistas: “A graça não suprime a natureza, mas a aperfeiçoa”. Não se olvide, por outro lado, que quando se retira o sobrenatural não resta sequer o natural (Chesterton, cf. infra p. 499).

Por fim, a tradução revisita ao mesmo tempo dois temas muito caros à linha editorial da revista, isto é, a Virgem Maria e a estética, ao abordar a Imaculada Conceição sob o foco de seus predicados de beleza.

Lumen Veritatis não aspira apenas empreender esforços em páginas impressas, como “cooperadores da Verdade” (III Jo 1,8), mas antes de tudo assegurar aquele destino para o qual todo cristão está chamado, isto é, ser santificado na verdade (Jo 17,19). Essa é a razão máxima por que escrevemos.